



ASPECTOS DA CATALUNHA PELO FUTEBOL DO BARCELONA (1939-1955)

ASPECTS OF CATALONIA BY BARCELONA FOOTBALL (1939-1955)

¹SILVA, Gabriel Goes; ²CAVICHIA, Alessandro Henrique Dias

RESUMO

O futebol é o esporte mais popular do mundo, se adaptando de maneira formidável às possibilidades e necessidades de seus praticantes. Este caráter adaptativo é refletido também na grandeza das maneiras de se referir a ele, haja vista que pode ser alvo de estudos vindos de qualquer ramo acadêmico. Ao carregar consigo uma característica como esta, o futebol é facilmente percebido como participante direto da esfera social, numa relação de construção e manutenção de laço permanentes com o meio em que se encontra. O objetivo do presente artigo é exemplificar esta máxima, a partir de um recorte social específico: eventos ocorridos na Espanha, de 1939 a 1955, em meio à regência de Francisco Franco, com pano de fundo esportivo. Este artigo foi realizado por meio de revisão de leitura, com pesquisas em artigos, livros e outras obras que versam sobre o contexto espanhol durante o século XX, futebol, FC Barcelona e conteúdos relacionados.

Palavras-chave: Futebol. Política. Franquismo.

ABSTRACT

The soccer is the most popular sport in the world, adapting formidably to the possibilities and needs of its practitioners. This adaptive character is also reflected in the greatness of the ways of referring to it, since it can be the object of studies coming from any academic branch. By carrying with it a characteristic like this, football is easily perceived as a direct participant in the social sphere, in a relation of building and maintaining permanent ties with the environment in which it is found. The aim of this article is to exemplify this maxim, from a specific social clipping: events that occurred in Spain, from 1939 to 1955, in the midst of the regency of Francisco Franco, with a sports background. This article was carried out through a reading review, with research on articles, books and other works that deal with the Spanish context during the 20th century, soccer, FC Barcelona and related contents.

Keywords: Soccer. Policy. Francoism.

INTRODUÇÃO

A todo instante estamos tentando estabelecer vínculos, descobrir relações ou laços de dependência que nos soem interessantes e próximos. Algumas dessas possíveis conexões, no

¹ Graduando do curso de História pelo Centro Universitário de Jales (UNIJALES)

² Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2014). Professor de História do Brasil do Centro Universitário de Jales, Brasil.

Recebido: 31 de julho de 2018; Aceito: 14 de setembro de 2018.



entanto, são comumente deixadas de lado. A união aqui feita, história e futebol, se encaixa no grupo das que normalmente são desconsideradas, pois para muitos nela reside pouca lógica, e, portanto, pouco pode produzir. Mostra-se de ímpar importância transpor esta barreira inicial.

No sempre complexo cenário brasileiro ao futebol foi relegada uma posição de esporte alienador, de pouca utilidade social. Os anos de regime militar em muito contribuíram para a construção desta imagem, que permanece viva. No entanto, para a crise que da modalidade em nosso país, causas podem ser buscadas justamente nos anos de ditadura militar, em que o progresso tático externo não podia passar pelas nossas fronteiras e vários clubes contraíram dívidas até hoje não quitadas. (MAGALHÃES, 2011)

Isto posto, o modo pelo qual a modalidade foi acionada como agente manipulador da população, agitando as massas em prol de objetivos alheios ao das quatro linhas, reitera o argumento de que, em última instância, era ele também utilizado como massa de manobra: “O ufanismo do regime utilizou a imagem da vitória esportiva como uma metáfora do país, cujos bons índices econômicos pareciam respaldar o discurso oficial.” (MAGALHÃES, 2011, p. 6).

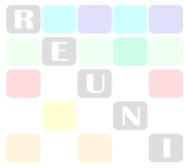
Ocorreu o mesmo na Espanha franquista, que será o cenário deste artigo. Durante o regime de Francisco Franco, no século XX, o futebol foi acionado como agente de manipulação e reiteração da liderança *dos blancos* afetando a esfera esportiva como um todo, porém também exercendo influência sobre entidades específicas, vide o FC Barcelona.

O objetivo deste artigo é ponderar, a partir de fatos que orbitam ao redor de um dos clubes mais populares do planeta, sobre a influência dos tentáculos franquistas no futebol espanhol de 1939 até 1955.

Foi realizado um estudo baseado em pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, de artigos científicos em sites de publicações em anais de eventos (seminários, congressos) e revistas eletrônicas, em livros e revistas impressos, por meio de leitura e análise do material pesquisado, sobre a história contemporânea, história da Espanha, historiografia, futebol e conteúdos relacionados.

Apontada essa questão da má interpretação do futebol em limites brasileiros – que teve o intuito de explicar um mal-entendido e ressaltar as possibilidades costumeiramente tornadas alheias – mostra-se possível abordá-la ainda por outras duas perspectivas, agora também capazes de vincular-se com a narrativa catalã.

Tornar o futebol assunto de artigo científico, fazer com que dele se produza uma aula de história, ou em âmbito geral, alçá-lo como objeto de estudo da disciplina é algo possível



pelo caráter contemporâneo da historiografia mundial, notado com receio por Michel de Certeau, que escreve:

Com efeito, é preciso constatar um fenômeno estranho na historiografia contemporânea. O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. (CERTEAU, 1982, p. 80)

O excerto de Certeau, retirado de seu livro clássico – *A escrita da história* – constata o fato, enquanto também exprime sua opinião pessoal sobre ele. O “fenômeno estranho na historiografia” impede os historiadores de constituírem impérios, já que estes não mais visam a história global, optando agora por objetos de estudo específicos.

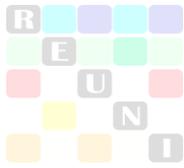
O acontecimento, em essência, pode ser estranho, no entanto ao buscar sua causa percebemos sua oposição à característica da história nas décadas de vigência da escola metódica, em que impérios eram a todo momento “erguidos” por historiadores, sejam estes sinônimos de reinos ou principados, mas também “impérios pessoais” – tendo em vista a tendência de foco nos grandes líderes políticos.

O “paraíso de uma história global” é aquele em que reside Michelet e sua história totalizante, responsável pela apreensão de uma unidade viva, mais que apenas interpretar instâncias interligadas. A dicotomia de um estudo específico como o aqui proposto, em congruência com o fenômeno narrado por Certeau, enquanto comparada à apreensão total de Michelet é evidente.

A escolha por um objeto de estudo tão “recortado” socialmente é, ainda dentro do trecho analisado, realmente uma circulação “em torno de racionalizações anteriormente adquiridas”. Este não será o primeiro estudo sobre a Catalunha, tampouco debutante entre os projetos que desejam analisar a complexa conjuntura política desta região. Existem inúmeros outros trabalhos que abordam estas questões. A maneira pela qual elas serão aqui referidas, contudo, surge por um agente que circula em torno da questão, superficialmente não se envolvendo nela, aparentemente estando nas margens dela: o futebol.

Na sequência do trecho supracitado, Certeau exemplifica outros objetos de estudo tão incisivamente recortados quanto o nosso: a loucura, a festa, a feitiçaria. Estes, tanto quanto o que promove este artigo tem em essência o mesmo caráter, já que são objetos culturais.

Os objetos de estudo de “áreas culturais” trazem consigo sempre a possibilidade de serem percebidos especificamente, ao mesmo tempo em que podem ser vitais para o entendimento de outros níveis e instâncias do organismo social.



A feitiçaria escolhida por Michel entre seus exemplos pode ser destrinchada no período medieval, em que será o objeto de estudo que se basta. Desta pesquisa sairão inúmeras páginas de conhecimento sobre a feitiçaria, a tendo como única protagonista.

Mas a mesma prática feitiçeira pode ser analisada, ainda dentro do recorte temporal dos medievos – permanecendo como único objeto de estudo, mas dividindo o protagonismo – com a política de um feudo: tendo em mãos vestígios suficientes, porque não pesquisar “como a prática da feitiçaria influenciava as ações do senhor feudal...?”.

Outra possibilidade que segue o mesmo padrão é analisar a feitiçaria da era medieval e suas relações com a crença oficial: o cristianismo.

É preciso apontar que em ambas as hipóteses formuladas acima, criadas para fim pedagógico somente, o objeto de estudo permaneceu o mesmo, a feitiçaria, mas ao seu redor delinear-se outras possibilidades, que em muito aumentariam a riqueza histórica do estudo.

Logo, é aceitável presumir que o mesmo possa acontecer ao futebol. Este pode ser estudado como o “futebol dos anos de 1940 a 1980 na Catalunha”. Deste estudo, podemos deduzir, viriam dados e estatísticas sobre títulos, campeonatos, rebaixamentos, artilheiros. Aqui o futebol é o objeto de estudo e único protagonista.

Entretanto ao pensar sobre o futebol dentro do panorama político catalão, com o mesmo recorte temporal, podemos encontrá-lo ainda como objeto de estudo singular, porém agora compartilhando o papel principal com a política, enquanto esta vai se delineando nas páginas do estudo. Isto é o que será tentado aqui.

Outro teórico da historiografia e um dos fundadores da escola dos Annales, Marc Bloch, deixou para os interessados em história um último livro, que se tornou dos mais famosos da historiografia recente. Em *Apologia da história ou o ofício de historiador*, o francês produziu um manifesto referente a toda a condição da história e de seu arauto, o historiador.

Um dos desenvolvimentos da obra trabalha com o conceito de testemunho, onde Bloch os apresenta como divididos em voluntários ou involuntários. Os voluntários são textos produzidos pelos viventes da época com o intuito de preencher a memória humana com fatos considerados importantes, e numa escala diretamente proporcional a sua legitimidade, são raros e estão em pequena quantidade.

Os testemunhos involuntários, em contramão, são aqueles dos quais o historiador se apropria na sua tarefa, não foram deixados pelos antigos com o intuito de postergar



conhecimento. Com estes a história normalmente trabalha, estando em imensa quantidade. Sobre eles, Bloch escreve:

Acima de tudo, esses indícios que, sem premeditação, o passado deixa cair ao longo de sua estrada não apenas nos permitem suplementar esses relatos, quando estes apresentam lacunas, ou controlá-los, caso sua veracidade seja suspeita; eles afastam de nossos estudos um perigo mais mortal do que a ignorância ou a inexatidão: o de uma irremediável esclerose. (BLOCH, 2002, p. 77)

Páginas depois, Bloch comenta sobre a variedade dos testemunhos históricos. Este trecho também é vital: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca, pode e deve informar sobre ele.” (BLOCH, 2002, p.79).

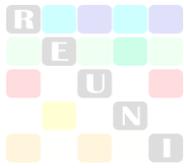
Os dois fragmentos escolhidos repercutem sobre o projeto. O esporte, num âmbito coletivo que tende aqui naturalmente ao específico do futebol, informa sobre o homem, porque é matéria de sua fala, é razão de sua escrita, resultado de sua fabricação, traz marcas de seu toque.

É uma instituição humana, que naturalmente constrói padrões de relação com todas as outras instituições de mesma origem: sistemas políticos, econômicos, filosóficos ou de justiça, fazendo refletir em uma delas propriedades vindas de outra. Todo evento esportivo acontece sobre um cenário político ou econômico que com ele se relaciona diretamente.

Em sequência à essa relação formada é fundada uma identidade para este homem individual, ou para o grupo do qual faz parte, que ensina sobre ele sem, todavia, fazer isso por escolha autônoma, sendo-lhe um ato natural. É, pois então, o esporte um testemunho involuntário, tão útil e necessário a ciência da história como todos os outros de mesma estirpe, sendo merecedor, em vista disso, de tratamento digno, que vem com ele sendo notado pelo seu criador como seu filho, sua produção inteligível.

SOBRE LUDOPÉDIO E A ESPANHA FRANQUISTA

Ensaiei o desenvolver destas concepções continuar o artigo caminhando até a Catalunha é algo realizável. O recorte temporal postulado no projeto é alicerçado na vigência do regime franquista, que vigorou na Espanha contemporânea de 1939 – fim da guerra civil na nação – até 1975, com a morte de Francisco Franco. Para este artigo, no entanto, o recorte será menor: iniciando em 1939 e encerrando em 1955.



A escolha do clube limitou-se ao *FC Barcelona*, tendo em vista a grandeza que a entidade toma para si ao longo da história em termos esportivos, mas acima destes, pela responsabilidade adquirida com a marcha do tempo em âmbito social e étnico.

O campeonato espanhol de futebol, popularmente *la liga*, foi realizado pela primeira vez em 1929. Ocorreu de forma ininterrupta até 1936, quando foi paralisado pela guerra civil que se abateu sobre o país. Com toda sua animosidade, durou três anos. Sobre ela, Hobsbawn comenta: “[...]a Guerra Civil Espanhola antecipou e moldou as forças que iriam, poucos anos depois da vitória de Franco, destruir o fascismo” (HOBSBAWN, 1995, p. 162).

Nas suas três primeiras décadas sete clubes diferentes foram vencedores, demonstrando competitividade e alternância na disputa.

Tabela 1: maiores campeões nos trinta primeiros anos de *la liga*.

CLUBE	CAMPEONATOS GANHOS
FC BARCELONA	7
ATHLETIC BILBAO	6
REAL MADRID CF	6
ATLÉTICO MADRID	4
VALENCIA CF	3
SEVILLA CF	1
REAL BETIS	1

Disponível em: http://www.sobrefutbol.com/torneos/liga_espanola.htm. Acesso em 08 de julho de 2018.

Neste ínterim de tempo Franco se consolida no poder. Inaugura sua era dando fim aos “inimigos internos”, seus opositores que haviam lutado contra ele na guerra de outrora. Para estes o sentimento de retaliação foi fomentado no povo, com ordens de denúncia de republicanos ou *rojos* sempre que possível.

Segue-se um exílio de intelectuais, e a idealização de uma Espanha *una, grande y libre*, por meio da criação de todo um aparato que justificasse não só o regime, mas a figura pessoal de Franco:

Por sua vez, a base do regime franquista foi o “Nacional-Catolicismo” e o anticomunismo, criando um imaginário místico de uma “cruzada” dirigida pelo General Franco, que faria com que a Espanha resgatasse seu passado imperial de glória e poder, restituindo-a ao seu lugar de direito dentro da Europa. (ABRÃO et al, 2010, p. 9).



Institucionalizado o regime, Franco voltou seus olhos para o futebol, como maneira de estender ainda mais seus tentáculos de influência na sociedade castelhana. Incomodava à regência franquista os regionalismos de duas áreas da nação: a Catalunha e o País Basco. Estas permaneciam com seus respectivos dialetos particulares, e traços culturais próprios, opondo-se, por consequência, ao centralismo vindo de Madrid.

Inicialmente, na década de 1940, o franquismo não intervia diretamente entre as quatro linhas, mas fora delas: antes de cada partida, segundo o regulamento, a saudação fascista deveria ser feita, assim como o hino falangista deveria ser cantado.

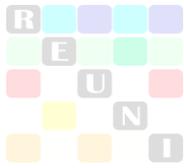
Clubes tiveram de mudar seus nomes e escudos, vide o *Barcelona*, que teve retirada de seu brasão a bandeira catalã, substituída pela espanhola, e seu nome alterado de *Football Club Barcelona* – do catalão – para *Club de Fútbol Barcelona*, dentro do idioma espanhol.

A justificativa por meio da exaltação ao regime vinda dessas práticas também pode ser encontrada na Itália fascista, em Portugal de Salazar, e na Alemanha de Hitler. Em todos estes cenários políticos a glorificação ao Estado e seu líder invadiam as instâncias da vida coletiva, contaminando todas as instituições humanas, em uma marcha doentia.

Entretanto não há como ignorar que o ditador espanhol, em verdade, apreciava o futebol. Era torcedor da seleção espanhola e do *Real Madrid*, e eventualmente até mesmo realizava apostas envolvendo seu clube predileto. Encontrava-se, porém, em situação ímpar para auxiliar seu time, pois trazia consigo, todas as vezes que sentava nas tribunas elitizadas dos estádios nos quais *los blancos* jogavam, a possibilidade de influenciar todo o desfecho da peleja.

No ano de 1943 ocorreu a primeira interferência franquista concreta. No primeiro confronto da final da *Copa del Generalísimo* – originalmente *Copa del Rey*, nome alterado pelo regime para homenagear seu líder – com mando de campo do time *culé*, este venceu o *Real Madrid* por 3 a 0. Em Madrid o resultado anterior foi anulado: “No jogo de volta, pressionado pelo governo central, por policiais e pelo árbitro, que visitaram o vestiário do *Barcelona* antes da partida, o clube azul-grená foi derrotado por 11 a 1.” (FIGOLS, 2013, p.19).

Entre as diretrizes esportivas que regiam o torneio, estava a que garantia o general entregando a taça para a equipe campeã, ação que muito simbolizava. Acima de ser ação totalmente esportiva, era ato político disputar e vencer a competição. Isto valia para os *merengues* madrilenos, que estariam legitimando de forma subjetiva o regime e ações de Franco, idealizando com a conquista a fibra vitoriosa da Espanha franquista.



Por outro lado, também significava muito para a oposição – o *Barcelona*, a Catalunha –, pois ali estava o time da capital, o esquadrão da Espanha ditatorial tombando perante os insurgentes catalães, que faziam chacota com a derrocada inimiga, se valendo dela para insuflar ânimo na disputa política pela independência.

Já em 1950 a divergência política atuou sobre o pretexto da disputa na contratação de László Kubala. O talentoso jogador húngaro de origem tcheca interessou ao time catalão na mesma medida que cativou o esquadrão da capital. Enquanto que para o clube azul-grená a contratação do jovem craque de 23 anos seria uma adesão vital para o elenco azul e vermelho, para *los blancos* e seu prócer haviam outros motivos igualmente interessantes.

A contratação de Kubala para o elenco do time da capital implicaria num enfraquecimento relativo do elenco do Barça, da mesma forma que serviria para o objetivo franquista de trazer atletas do leste europeu para a Espanha, elucidando assim a liberdade existente no país, enquanto atacava o comunismo, tendo em vista que os atletas seriam apresentados como fugitivos do regime.

O jogador húngaro, por fim, assina com o *Barcelona* ainda em 1950, mas veste a camisa azul-grená apenas em 1951, após vencidos impedimentos judiciais, levada a questão para a federação espanhola e, finalmente, para a FIFA.

A escolha catalã mostrou-se certa, e László Kubala encabeçou um período de popularização do clube *culé*, entre os anos de 1950 e 1960. A Catalunha, à época, era uma região industrializada da nação, com uma pulsante classe de trabalhadores opositores ao regime vindo de Madrid e que adoravam futebol. O clube estava se tornando um espaço de relações sociais entre operários e atletas. (FIGOLS, 2013).

Ainda outra contratação causaria conflito entre as duas equipes e tudo que representavam. O argentino Alfredo Di Stéfano, em 1953, chamou a atenção dos catalães, que abriram negociação com o *River Plate* (Argentina) para tê-lo no plantel. Porém Di Stéfano estava por empréstimo no *Millonarios*, da Colômbia, e foi a este clube que o *Real Madrid* enviou oferta de contratação.

O clube colombiano informa da proposta madrilenha, recusada, de início, pelo *River Plate*, que aceitou a tentativa catalã. A permanência do Madrid em cena é justificada pela demora do *Barcelona* em efetuar o pagamento, mas quando este acontece o atacante argentino é convidado a visitar aquele que seria seu novo clube na Catalunha.

Ainda assim, por intervenção madrilhena, houve uma redução no número de estrangeiros permitidos em cada time pelo órgão espanhol, o que impossibilitou a



concretização da negociação. Como Alfredo era realmente habilidoso, e o time de Franco havia tentado sua aquisição dantes, a *Delegación Nacional de Deportes* sugeriu que o craque fosse dividido entre ambos os clubes, jogando uma temporada em cada equipe, de forma alternada. A proposta foi negada pelos *culés*, e o argentino tornou-se mais um dos *merengues*.

Los blancos não venciam o campeonato espanhol havia vinte anos, desde 1933. Na temporada de 1954, com Di Stéfano, o clube voltou a conquistar o campeonato nacional. Repetiria o feito no ano seguinte, e se aproximaria do *Barcelona*, líder em títulos nos trinta primeiros anos de *La Liga*.

A diferença em prol do time catalão ruiria nos próximos anos, que escapam a este artigo. Porém é válido dizer que uma nova diferença, agora em prol do *Real*, começava a ser construída, com uma sequência de cinco títulos seguidos na década de 1960. Sequências parecidas são notadas hoje em campeonatos monopolizados por um só time.

CONCLUSÕES FINAIS

As mediações de Francisco Franco no futebol espanhol são muito amplas, na mesma medida em que também versam indiretamente sobre muito da sociedade espanhola. Primeiramente, ofendem literalmente o esporte e duas de suas características.

Sobre a primeira dessas características da prática esportiva, para Canan (2012, p.4): “Assim, tem-se que a primeira categoria ou característica citada é a regulamentação [...]”. A existência de regulamentação implica em ordenação para a prática, como preceito básico que torna possível toda a competição. A falta de regras, ou sua negação, desconfigura o esporte e retira dele sua carga moral, baseada na igualdade dos praticantes. Pensemos sobre a mudança no regulamento que prejudicou a ida de Di Stéfano para o *Barcelona*.

A igualdade postulada permite que a segunda característica venha à tona e seja executada: a competitividade (CANAN, 2012). Esta é representada pelo caráter de rivalidade entre os competidores, e é agredida quando existe um atleta ou toda uma agremiação em vantagem natural perante os outros. Pensemos na final da copa de 1943, na pressão sofrida pelos jogadores vinda do árbitro e força policial.

O caráter idiossincrático de representação que o clube azul-grená exerce sobre a Catalunha merece ser comentado. Desde sua fundação, ainda no século XIX (1899), o *Barcelona* tomou para si a questão catalã, que já vinha de longa data na história, de todas as maneiras possíveis.



A começar pelo primeiro escudo do time, criado no ano de sua fundação, temos a bandeira catalã representada. Com o avançar do tempo e as mudanças consequentes a bandeira mudou de lugar, se aliando a outros símbolos, mas nunca foi deixada de lado por escolha da instituição.

Passando por todas as alterações do hino do clube, desde o primeiro de 1910 até o último de 1974, alguns valores mantiveram-se continuamente em pauta. A defesa do chamado *catalanismo*, a receptividade para com pessoas externas à Catalunha, a filiação ao clube. A estes se unem outros, como a defesa da democracia e o compromisso social do esquadrão, incentivando a cultura e desenvolvimento de toda a região.

O slogan *més que um club* sintetiza tudo isto. Em primeiro lugar, está em catalão, não em espanhol. Secundariamente, evidencia o objetivo último de todas as pessoas envolvidas com a marca *FC Barcelona*, que é a defesa de uma concepção, de um ser: o ser azul-grená, o ser *culé*, o ser catalão, muito mais relacionado a uma ideia que a questões biológicas ou territoriais.

O clube foi fundado por suíços. Durante toda sua vitoriosa história contou com estrangeiros no time, que sentiram a causa intrínseca ao clube e a defenderam quando foi preciso. A construção do *Barcelona* e da sua representatividade interna, portanto, passou e continuará sendo permeada por mentes e chuteiras estrangeiras.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete (Org.). **Espanha: política e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANAN, Felipe. Características do esporte e sua relação com uma oferta esportiva pública e projetos sociais esportivos. **FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 82, 2012. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/issue/view/16>>. Acesso em: 08 de jul. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FIGOLS, Victor de Leonardo. **Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o franquismo (1968-1969)**. Universidade de São Paulo: Guarulhos, 2013.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 1., 2011. São Paulo. **Anais eletrônicos...**São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: < <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares#L>>. Acesso em: 08 de jul. 2018.